

***Faits Divers* em Cena: o Despertar da Curiosidade como Ferramenta Educomunicativa¹**

Emanuelle Viana de Freitas²
Gustavo Gomes Tavares da Silva³
Kenson Koskur Coelho⁴
Nicole Ribas Ribeiro⁵
José Carlos Fernandes⁶
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Em 2024, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), da UFPR, em parceria com o Colégio Estadual João Gueno, desenvolveu oficinas educomunicativas com destaque à produção textual do gênero jornalístico *faits divers*. A atividade integrou leitura, escrita e produção de vídeos curtos, estimulando a curiosidade, a criatividade e o protagonismo dos alunos. O objetivo foi destacar a comunicação popular e a linguagem midiática como formas de aprendizagem, contribuindo para a emancipação dos estudantes que participaram da criação de conteúdos a partir de suas próprias observações do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação popular; Educomunicação; *Faits divers*; Ncep.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) é um programa de extensão composto por discentes dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Guiado pelos princípios extensionistas de dialogicidade, interdisciplinaridade e transformação (Gonçalves; Quimelli, 2016), o núcleo fundamenta suas atividades em discussões que abraçam a comunicação popular, a democratização dos meios de comunicação e a educomunicação.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 24.º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: emanuelleviana@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: gustavotavares@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: kenson.koskur@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: nicoleribas@ufpr.br

⁶ Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. E-mail: zeca@ufpr.br

Com 22 anos de atuação, o Ncep conta com projetos realizados em parceria com grupos de diferentes áreas de Curitiba e Região Metropolitana, dentre eles, o construído junto do “João Gueno”, uma escola da rede pública de ensino, localizada no bairro São Dimas, periferia da cidade de Colombo – espaço ainda marcado por um passado de violência, o conhecido “Caso Tayná”⁷. A instituição conta com seis salas de aula, que atendem ao menos 500 estudantes, do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio.

Como marcos do colégio pós-trauma da morte de Tayná, estão: o projeto educacional desenvolvido em 2014, em parceria com as pesquisadoras Elisa Dalla Bona e Lúcia Cherem, ambas da UFPR; e uma atividade de leitura realizada pela professora de Língua Portuguesa Érica Rodrigues, a partir de um livro da escritora Índigo. A dinâmica, recebida com entusiasmo pelos estudantes, levou a autora a uma visita à escola, e compôs a “Ação Integrada para o Letramento”, que recebeu o prêmio Viva Leitura, do Ministério da Educação, no mesmo ano.

A parceria entre o Ncep e o “João Gueno” se iniciou em 2018, com oficinas que abordavam o gênero crônica – na tentativa de que os estudantes percebessem, em suas próprias histórias e cotidiano, o bairro para além do noticiário policial. Da experiência, resultou o livro *De pés no chão: o São Dimas que vivemos*. Nos anos seguintes, atividades similares deram origem a outro livro de crônicas, ao blog *Gueno News*, à Revista *Janelas Abertas*, ao *Profissacast* – podcast em que os estudantes entrevistam profissionais de diferentes áreas de atuação –, e ao curta-metragem *A Sombra de Fabinho: terrores no João Gueno*. A proposta extensionista mais recente, de 2024, concentrou-se no desenvolvimento de ações com estudantes do 3.º ano do Ensino Médio – 60 adolescentes, com idades entre 16 e 18 anos, que, em sua grande maioria, enfrentavam jornadas de trabalho durante o período diurno e frequentavam a escola no noturno. A metodologia que fundamenta as oficinas se baseia nos *faits divers*, gênero jornalístico que norteou também a produção audiovisual – no formato de vídeos curtos – com os alunos.

O POTENCIAL DIDÁTICO DOS *FAITS DIVERS*

⁷ Em 2013, a adolescente Tayná Adriane da Silva, 14 anos, estudante do C.E João Gueno, foi abusada e assassinada. Caso teve ampla repercussão na mídia e sua resolução ainda hoje é inconclusa.

Os *faits divers* – fatos diversos, traduzido do francês – surgiram em meio à revolução da informação no século XIX, impulsionados pela expansão da imprensa popular na França. À medida que novos públicos urbanos se alfabetizavam e buscavam entretenimento rápido e acessível, os jornais passaram a incluir pequenas notícias de crimes, tragédias, acidentes e curiosidades que não se encaixavam nas tradicionais seções de política, economia ou cultura. Inicialmente considerados preenchimentos de espaço, esses relatos conquistaram os leitores com seu poder de provocar surpresa, horror e fascínio. Com o tempo, consolidaram-se como um gênero narrativo, em que a brevidade, a intensidade emocional e a imediatez se tornaram marcas registradas, inclusive para o sensacionalismo (Angrimani, 1995).

Roland Barthes, em seu ensaio *Structure du Fait Divers* (1964), destacou que os *faits divers* são narrativas que contêm as informações necessárias para sua compreensão, sem exigir que o leitor conheça contextos mais amplos. Para o autor, o fato diverso se alimenta da surpresa e do impacto emocional, criando suas narrativas a partir do inesperado ou de coincidências improváveis, expondo a tensão entre a tentativa humana de compreender o mundo de maneira lógica e o surgimento de eventos que parecem escapar às explicações racionais.

No Brasil, fenômenos similares apareceram desde o século XIX em outras formas culturais – como os almanaques, que combinavam informações úteis, previsões, curiosidades e pequenas histórias de acontecimentos inusitados. Publicações como o *Almanaque Laemmert*, por exemplo, misturavam notícias locais e estrangeiras com anedotas e registros de eventos singulares, entregando ao leitor fragmentos do cotidiano que causavam divertimento ou espanto. Adiante, nos jornais brasileiros, colunas como “Notas policiais” ou seções de “Curiosidades” também seguiram a lógica de apresentar eventos chocantes ou excêntricos – sempre com apelo popular (Barbosa, 2007).

Desde seu surgimento, os *faits divers* “flertaram” com o sensacionalismo, algo presente no noticiário policial, por exemplo – com a intenção de fascinar o público com a brutalidade de um crime. Com a quase extinção do jornalismo impresso, o gênero se transferiu para as telas dos telefones, marcando presença nas redes sociais, seja em portais de notícias renomados, veículos sensacionalistas ou perfis com foco em publicações sobre curiosidades (Marocco, 2012).

A METODOLOGIA: DA PRODUÇÃO TEXTUAL AOS VÍDEOS CURTOS

Tentou-se unir, em um único movimento educacional, algo que fizesse sentido aos estudantes, considerando a realidade em que estão inseridos. “Fazer sentido para eles significa partir de um projeto que [...] caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações” (Soares, 2014, p. 8). E também a ansiedade em ligar o aprendizado à vida – em breve adulta – para além do ambiente escolar. Desse esforço, nasceu a utilização dos *faits divers* como metodologia educacional – abordagem trilhada em meio ao desafio de propor uma atividade em que os alunos participassem das oficinas e se sentissem ouvidos, de modo a condensar os debates sobre a mídia, a imaginação e curiosidade.

A primeira oficina, intitulada “Onde existem fatos curiosos na minha realidade?” teve o objetivo de destrinchar os *faits divers*, pontuando suas características e que elementos poderiam se tornar tema do gênero. Os estudantes foram divididos em grupos. Posteriormente ao momento de leitura, a equipe de extensionistas, em conjunto com a professora da disciplina de Língua Portuguesa, mediou uma discussão dos textos. Da conversa, uma conclusão em comum: todos os títulos abordavam fatos curiosos – que, por vezes, permeiam espaços entre o comum e o banal, experimentando um não percebimento na vida cotidiana.

Nos encontros seguintes, o destaque para a atividade de observação, a partir de um olhar curioso e atento ao cotidiano, em conjunto com o levantamento de pautas a serem abordadas na produção, baseadas nos absurdos da vida urbana, personagens curiosos, números ou estatísticas, inovações científicas, fatos históricos ou nomes de rua, por exemplo. Da proposta, surgiram títulos como: “Por que choramos ao cortar cebolas?”, “Qual a história do baralho?” e “Qual a história do bolo?”. De maneira transdisciplinar, perpassou-se caminhos que retomam a história, cultura e memória, a discussão retoma o “trabalho não material”, valorizando a produção de ideias, conceitos e símbolos (Saviani, 2011).

Com a conclusão da atividade de escrita dos *faits divers*, o grupo extensionista iniciou a segunda etapa do projeto, voltada à adaptação dos textos produzidos pelos alunos em materiais audiovisuais. Dentre as opções de formatos, optou-se por trabalhar com vídeos curtos — entre 2min30s e 3min30s —, como os *reels*, por exemplo. A

escolha por esse tipo de produto foi influenciada, sobretudo, pelo interesse demonstrado pelos próprios estudantes. Constatou-se que, devido ao desenvolvimento das redes e consequente processo de aceleração social (Citelli, 2017), os alunos consumiam majoritariamente vídeos curtos em plataformas digitais, atraídos pela linguagem dinâmica, fácil acesso e relevância temática em relação à faixa etária.

As atividades dessa etapa foram organizadas a partir de um cronograma que incluía oficinas, tutorias e gravações. A primeira oficina sobre vídeos curtos apresentou a estrutura básica desse formato e orientou os alunos quanto à organização do conteúdo, focando em impacto, relevância e interesse público – com enfoque no “espectador” do vídeo. Durante essa oficina, além da explicação teórica sobre produção audiovisual, foram exibidos exemplos de vídeos curtos produzidos por criadores conhecidos pelos estudantes, como Débora Aladim — professora que publica conteúdos históricos em formato de vídeos breves nas redes sociais⁸. Entre as orientações gerais, destacou-se a importância da boa captação de áudio, da locução clara e do uso de aplicativos acessíveis para edição.

Os encontros seguintes foram destinados à produção dos roteiros. Por meio de uma oficina de criação, discutiu-se como elaborar roteiros criativos e cativantes, orientando os alunos na transposição dos *faits divers* para a linguagem audiovisual. Nesse processo, foram trabalhadas tanto a seleção de informações relevantes quanto a concepção de elementos visuais, estimulando o pensamento criativo em diferentes dimensões do conteúdo.

As oficinas seguintes aprofundaram a discussão sobre a linguagem audiovisual, enfatizando a clareza, o foco temático, coerência narrativa, considerando que “a utilização [...] de conteúdo audiovisual contribui para a explicação de conceitos complexos, facilitando a compreensão por parte dos alunos” (Tozzi, et al., 2024, p. 3727). Finalizado esse ciclo, foi realizada a tutoria dos roteiros, em que os extensionistas acompanharam de perto a elaboração dos materiais, oferecendo suporte técnico e criativo em sala de aula.

Com os roteiros finalizados e validados pela professora responsável, iniciou-se a fase de gravação. Cada grupo teve liberdade para escolher a abordagem e a estrutura de seu vídeo, assumindo protagonismo na organização e execução das filmagens. Durante

⁸ O vídeo utilizado pode ser acessado em: https://youtube.com/shorts/k-Llh5huxYA?si=Zfhesbv9VI_9tsNx.

três semanas, os extensionistas disponibilizaram espaços e horários na escola para a realização das gravações, sempre incentivando a autonomia dos alunos, na tentativa de “estimular um projeto de ensino que tenha no jovem a sua peça central” (Soares, 2014, p. 10). Após a coleta do material bruto, os extensionistas ofereceram tutorias, com sugestões e apoio técnico, orientando os estudantes no processo de edição de vídeos via celular, capacitando os estudantes a utilizar os editores e a manipular os conteúdos.

Ao longo de todo o processo, os alunos demonstraram entusiasmo em produzir conteúdos alinhados a seus interesses, exercitando a criatividade e desenvolvendo habilidades como escrita criativa, planejamento visual e edição. Foram os protagonistas do processo, enquanto os extensionistas atuaram como mediadores. A experiência demonstrou o potencial da educomunicação e da educação popular em despertar o interesse de jovens por áreas como a comunicação, a partir de uma abordagem que rompe com os limites tradicionais da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. 2.^a ed. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARTHES, Roland. **Essais critiques**. Paris: Éditions du Seuil, 1964.

CITELLI, Adílson. **Educomunicação**: Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto Gonçalves; QUIMELLI, Gisele de Alves Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Editora CRV, 2016.

MAROCCO, B. BERGER, C. HENN, R. (orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte. Vol. 3. Florianópolis: Insular, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Autores associados, 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. 3.^a ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

TOZZI, Cristiane et.al. Mídias digitais na educação online: o impacto da linguagem audiovisual e ferramentas colaborativas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 10, p. 3723–3729, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i10.16362.